

ENVELHECIMENTO E ESPIRITUALIDADE: COMPETÊNCIAS PARA A FELICIDADE

AGEING AND SPIRITUALITY: SKILLS FOR HAPPINESS

ENVEJECIMIENTO Y ESPIRITUALIDAD: HABILIDADES PARA LA FELICIDAD

VEILLISSEMENT ET SPIRITUALITÉ: DES COMPÉTENCES POUR LE BONHEUR

*Cirlene Francisca Sales da Silva**

*Marjone Socorro Farias de Vasconcelos Leite***

RESUMO

Este estudo qualitativo e bibliográfico teve por objetivo analisar a sociedade do hiperconsumo, em que o sujeito humano vivencia o individualismo e o narcisismo, gerando a infelicitação individual e coletiva, no processo de envelhecimento e velhice. Como metodologia, adotou-se a análise de textos literários acadêmicos e de periódicos, pesquisados nas bases de dados do Google Scholar, Scielo e Periódicos CAPES, usando como estratégia de busca os termos: envelhecimento, espiritualidade

* Doutora e Mestra em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. Docente do Programa de Pós-graduação e Graduação da mesma instituição. E-mail: cirlene.silva@unicap.br.

** Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (2023). Mestra em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2004). Graduada em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (1984). Atualmente é professora do Centro Universitário Maurício de Nassau; Recife. E-mail: marjoneleite1@gmail.com.

e felicidade. Os critérios de inclusão foram: envelhecimento e velhice; sociedade do vazio, hiperconsumo, espiritualidade e felicidade, sendo excluídos os textos que abordavam os mesmos contextos, mas não se referiam ao processo de envelhecimento. Como resultado, pôde-se observar as circunstâncias de uma sociedade do vazio, do hiperconsumo, do adoecimento psíquico, do desencanto e da ilusão, encontrando lugar na espiritualidade, dentro do processo do envelhecimento, como competência para a felicidade. Sendo assim, conclui-se que o resignificar existencial, por meio da espiritualidade, faz a conexão com o “divino”, como forma de ser feliz no mundo que o cerca. Reputa-se incentivar outros pesquisadores a refletir sobre espiritualidade e felicidade, no contexto do envelhecimento.

Palavras-chave: Envelhecimento; Espiritualidade; Felicidade.

ABSTRACT

This qualitative and bibliographic study aimed to analyze the hyperconsumption society, in which the human subject experiences individualism and narcissism, generating individual and collective unhappiness, in the process of aging and old age. The methodology adopted was the analysis of academic literary texts and periodicals, searched in the databases of: Google Scholar, Scielo and Periódicos CAPES, using the terms as a search strategy: aging, spirituality and happiness. The inclusion criteria were: aging and old age; society of emptiness, hyperconsumption, spirituality and happiness; and texts that addressed the same contexts but did not refer to the aging process were excluded. As a result, we can observe the circumstances of a society of emptiness, hyperconsumption, psychic illness, disenchantment and illusion, finding a place in spirituality, within the aging process, as a competence for happiness. Therefore, it is concluded that existential reframing, through spirituality, makes the connection with the “divine”, as a way of being happy in the world that surrounds you. It is intended to encourage other researchers to reflect on spirituality and happiness, in the context of aging.

Keywords: Aging; Spirituality; Happiness

RESUMEN

Este estudio cualitativo y bibliográfico tuvo como objetivo analizar la sociedad de hiperconsumo, en la que el sujeto humano experimenta individualismo y narcisismo, generando infelicidad individual y colectiva, en el proceso de envejecimiento y vejez. Como metodología, adoptamos el análisis de textos literarios académicos y de publicaciones periódicas, buscados en las bases de datos Google Scholar, Scielo y Periódicos CAPES, utilizando como estrategia de búsqueda los términos: envejecimiento, espiritualidad y felicidad. Los criterios de inclusión fueron: envejecimiento y vejez; sociedad del vacío, el hiperconsumo, la espiritualidad y la felicidad, con textos que abordaban los mismos contextos pero no hacían referencia al proceso de envejecimiento excluido. Como resultado, fue posible observar las circunstancias de una sociedad de vacío, hiperconsumo, enfermedad psíquica, desencanto e ilusión, encontrando un lugar en la espiritualidad, dentro del proceso de envejecimiento, como competencia para la felicidad. Por lo tanto, se concluye que el reencuadre existencial, a través de la espiritualidad, hace la conexión con lo “divino”, como una forma de ser feliz en el mundo que te rodea. Se pretende animar a otros investigadores a reflexionar sobre la espiritualidad y la felicidad, en el contexto del envejecimiento.

Palabras clave: Envejecimiento; Espiritualidad; Felicidad

RÉSUMÉ

Cette étude qualitative et bibliographique visait à analyser la société d'hyperconsommation, dans laquelle le sujet humain fait l'expérience de l'individualisme et du narcissisme, générant du malheur individuel et collectif, en cours de vieillissement et de vieillesse. Comme méthodologie, nous avons adopté l'analyse de textes littéraires et de périodiques académiques, recherchés dans les bases de données Google Scholar, Scielo et Periódicos CAPES, en utilisant les termes : vieillissement, spiritualité et bonheur comme stratégie de recherche. Les critères d'inclusion étaient : le vieillissement et la vieillesse ; société du vide, de l'hyperconsommation, de la spiritualité et du bonheur, avec des textes qui abordent les mêmes contextes mais ne font pas référence à l'exclusion du processus de vieillissement. Il a ainsi été possible d'observer les circonstances d'une société de

vide, d'hyperconsommation, de maladie psychique, de désenchantement et d'illusion, trouvant sa place dans la spiritualité, au sein du processus de vieillissement, comme compétence pour le bonheur. On conclut donc que le recadrage existentiel, à travers la spiritualité, fait le lien avec le « divin », comme une manière d'être heureux dans le monde qui nous entoure. Il vise à encourager d'autres chercheurs à réfléchir sur la spiritualité et le bonheur, dans le contexte du vieillissement.

Mots-clés: Vieillesse; Spiritualité; Bonheur.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, tem-se observado a preocupação dos seres humanos, no que concerne à perpetuação da vida. Apesar do envelhecimento ser uma condição natural, contínua, progressiva e irreversível, que vai caracterizar um ciclo de vida, chamado velhice, costuma conduzir os senescentes a inquietações relativas à finitude (Ribeiro et al., 2015). Nessa fase, a forma de afugentar essa realidade ou de solucionar essa questão, encontrada pela maioria das pessoas é a transcendência, o espiritual como crença de refazimento para o seu bem-estar no mundo.

A espiritualidade é algo pessoal, diz respeito a uma busca, que transcende a conexão, puramente religiosa. Por ocasião da velhice, essa busca tende a ser atribuída ao sentimento de finitude e/ou preparação para a morte, especialmente, diante dos acontecimentos relacionados à saúde, protagonizados pelo desgaste natural do organismo, além daqueles que não são esperados ou desejados (Queiroz; Debella, 2016).

No que compete às questões relacionadas às mudanças na vida social dos sujeitos contemporâneos, muito embora elas tenham provocado dinâmicas historicamente distintas, no que diz respeito às crenças, ainda há inúmeras dúvidas com relação ao que é de natureza espiritual e divina. No entanto, o divino encontra-se em cada ser vivente e no humano é ainda mais preceptivo devido a sua capacidade racional. Ainda que, os sujeitos façam escolhas por crenças de natureza transcendente, de acordo com as suas culturas, identificam-se fragilidades nos confrontos com os valores de natureza material.

Tal fato encanta e enleva, seduzindo a sociedade ao consumo, numa condição que predispõe para a existência de um vazio, enquanto o transcendente surge como condição de espiritualidade para a felicidade do sujeito humano. Magacho (2022) reforça que a felicidade, discutida desde a Antiguidade é um objetivo de vital importância para os seres humanos. Comumente, designada como algo intrínseco, ambivalente, impreciso e vago mostra-se para cada indivíduo, a partir dos valores que ele modela e agrega. Nesse ponto, considerando as necessidades atuais da sociedade, parece relevante refletir sobre a capacidade de enfrentar os desafios e de realizar mudanças em busca de uma vida mais feliz e compassiva.

Esse estudo buscou entender as inquietações do sujeito humano contemporâneo diante do processo de envelhecimento, na perspectiva da finitude, na qual o vazio existencial pode se fazer presente. Nessa condição, uma felicidade pode ser eliciada, por meio da espiritualidade, enquanto conexão com o “divino”.

Assim sendo, analisou-se a sociedade de consumo, em que o sujeito humano vivencia o individualismo e o narcisismo, gerando a infelicitação individual e coletiva; o processo de envelhecimento, perante as circunstâncias de uma sociedade do vazio, do hiperconsumo, do adoecimento psíquico, do desencanto e da ilusão, para se resignificar existencialmente, pela espiritualidade e pela conexão com o “divino”, como uma forma de ser feliz no mundo que o cerca.

2 SUJEITO CONTEMPORÂNEO E A SOCIEDADE DE CONSUMO

O sujeito contemporâneo demonstra sua temporalidade e seu estado de ser no mundo. Nas suas relações sociais, ele se depara com uma sociedade de consumo, ou porque não dizer do hiperconsumo, denominada pelo filósofo Gille Lipovetshy (1944), de sociedade do vazio, ressaltando que, o que caracteriza essa sociedade é uma tendência global para:

A sedução nada tem a ver com a representação falsa e a alienação das consciências; é ela que dirige o nosso mundo e o remodela de acordo com um processo sistemático de personalização, cuja finalidade consiste essencialmente em multiplicar e diversificar a oferta, em oferecer mais para que você possa escolher melhor, em substituir a indução uniforme pela livre escolha, a homogeneidade pela

pluralidade, a austeridade pela satisfação dos desejos (Lipovetsky, 2005, p. 3)¹.

O citado autor destaca ainda que, nessa sociedade, o sujeito contemporâneo é permeado pelas condições de ser no mundo, no qual, os costumes se voltam para a fantasia ilusória e para a sedução, dando prioridade ao culto a si mesmo. De modo que, as consequências dessas atitudes fomentam um sujeito humano individualista, narcisista, na era do hiperconsumo.

O sujeito se vê em um processo de personalização implicado pelo contexto da pós-modernidade da sociedade contemporânea, em que impera a sedução líquida, o aceleração do hiperconsumismo, culminando no reinado do sujeito individualizado e solitário. Nesse cenário, ele, em seu processo de envelhecimento, sente a necessidade de buscar algo que o felicite, que se contente em acalmar a sua condição humana torturada de incertezas e cansaço das dores existenciais em seu cotidiano.

Esse sujeito, enquanto sujeito de possibilidades, cria a expectativa de transcender, conectando-se à espiritualidade na perspectiva de descobrir o sentido do contexto social, no qual está inserido como humano. Ora, em uma sociedade, onde os processos psicológicos, dentre outros dispositivos, levam o sujeito à instabilidade emocional, ele “[...] atravessa sozinho esse deserto de dúvidas, na busca pelo amparo existencial que é uma saída para a sua vulnerabilidade” (Lipovetsky, 2005, p. 28).

A sociedade pós-moderna foge ao desencanto da sua realidade, assumindo outras condições de existir no mundo. E nela, destaca-se a sedução como condição essencial de nova configuração do mundo nessa realidade, principalmente, no que diz respeito aos seus encantamentos. Contudo, a pós-modernidade incentiva a liberdade das individualidades dos sujeitos, o que de certa forma os deslumbra, já que saiu de um modelo de sociedade que os disciplinava em todas as condições sociais, para um modelo que nos liberta para as escolhas. Vale destacar, que apesar dos novos

¹ O mundo da sedução caracteriza uma realidade social com o excesso de tédio profundo como afirma Byung- Chull Han: “[...] o excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. Com isso se fragmenta a atenção” (HAN, 2019, p.20).

paradigmas, a pós-modernidade encanta, pela viabilidade de produzir, de investir, de renovar, de criar, de projetar aquilo que os desejos intimam.

Nesse período, ao que parece, estão presentes as permissões em todos os sentidos, como uma forma de independência dessa condição humana, que atrai o sujeito, enquanto ser de possibilidade, existencialmente. Esse “humano” enquanto ser, realiza-se para os contentamentos íntimos que o motivam às felicitações individuais e coletivas.

Tal condição, influencia os sujeitos humanos para o que Gilles Lipovetsky denominou como processo de personalização:

[...] cuja finalidade consiste essencialmente em multiplicar e diversificar a oferta, em oferecer mais para que você possa escolher melhor, em substituir a indução uniforme pela livre escolha, a homogeneidade pela pluralidade, a austeridade pela satisfação dos desejos. A sedução remete ao nosso universo de gamas opcionais, das nuances exóticas, da ambivalência psicológica, musical e informativa, no qual cada um tem o prazer de compor à vontade os elementos da sua existência (2005, p.3).

Em vista disso, dá-se a reorganização da ordem de produção, ainda que, timidamente, pois, o sujeito pouco percebe o que está acontecendo com ele, em coletividade. Sendo assim, a sedução acontece de forma subliminar, minando sua consciência. Assim, as relações sociais, relativas ao processo de envelhecimento, especialmente no aspecto laboral, surgem resistências naturais, que tendem a desencadear uma insatisfação, ainda que, nem todas as pessoas percebam, o que ajuda a sedução, no sentido de se estabelecer.

No seguimento, a exploração desfaçada se estabelece e a sedução ganha espaço para a democratização, particularmente, com as novas tecnologias, que passam a dominar essa nova realidade. Os avanços tecnológicos, com os seus usos sistemáticos, transformam o modo de vida dos sujeitos na contemporaneidade. Na medida que ganham espaço e legitimidade vão imprimindo incertezas, inseguranças e descontentamento, donde a sedução se torna um caminho sem volta, instalando-se no universo do qual fazem parte.

Diante dessa constatação, as questões sobre as técnicas e as tecnologias contemporâneas, representam uma onda de sedução avassaladora nas mentes humanas. É um momento que conduz os sujeitos a uma necessidade criada a partir das possibilidades de ser mais e melhor no mundo. E para compreender essa realidade, a onda da sedução surge também com:

[...] a microinformática e a galáxia vídeo, essas determinam a nova onda de sedução, o novo vetor da aceleração da individualização dos seres, depois da idade heroica do automóvel, do cinema e dos eletrodomésticos. 'My computer link me' – não devemos nos deixar enganar: a sedução do vídeo não se limita apenas à magia performática das novas tecnologias, mas, sim, enraíza-se profundamente no ganho da autonomia individual almejada, na possibilidade que todos têm de ser senhores do seu tempo e ficar menos presos às normas das organizações pesadas. A sedução em curso é particularizada (Lipovetsky, 2005, p.4-5).

De modo que, os desejos são precursores da sedução, a qual ilusoriamente promete a realização daquilo que intentamos de acordo com a determinação da sociedade do hiperconsumo.

Portanto, seja qual for o lugar em que se encontre a natureza humana, lá estará a possibilidade de resignificar as potencialidades e colocar os desafios diante das mudanças, encontradas e o que nos espera:

[...] o deserto que cresce com: o saber, o poder, o trabalho, o exército, a família, a Igreja, os partidos políticos já pararam de funcionar globalmente como princípios absolutos e intangíveis; em graus diferentes, ninguém mais acredita neles, ninguém mais investe neles o que quer que seja (Lipovetsky, 2005, p.18).

De repente, vislumbra-se o universo da indiferença, uma realidade legitimada pelo próprio sujeito, repleta de condições, para as quais estão imersos, no sentido mais apropriado para um indivíduo pós-moderno, que se dá:

[...]diretos da indiferença, compreendemos por que o sistema reproduz de modo ampliado os sistemas de sentido e de responsabilização, cuja finalidade consiste em produzir um engajamento vazio: pense o que quiser da TV, mas assista a ela, vote em nós, pague suas contas, siga a palavra de ordem da greve... partidos e sindicatos não têm outra exigência a não ser essa "responsabilidade" indiferente. Apesar de retórico, esse engajamento não se torna menos necessário para a reprodução dos poderes burocráticos modernos. A indiferença não se identifica com a ausência de motivação, mas se identifica, sim com o

pouco de motivação, com a “anemia emocional” (de Risman), também com a desestabilização dos comportamentos e dos julgamentos hoje “flutuantes”, a exemplo das variações da opinião pública (Lipovetsky, 2005, p.26).

Para o deserto, que se entende e se delinea com a autodestruição, no sentido de desespero das consciências humanas, origina-se um processo de natureza patológica em massa, comumente chamado de depressão. Para tanto, Gilles Lipovetsky analisa esse contexto da seguinte forma:

[...] no horizonte da autodestruição e o desespero definitivo do que uma patologia de massa, cada vez mais banalizada; depressão, “gota d’água”, flip são as expressões do processo de falta de investimento e da indiferença, pela ausência da teatralidade espetacular por um lado e, por outro, pela oscilação permanente e indiferente que se instaura de maneira endêmica entre excitabilidade e depressão. No entanto, o apaziguamento perceptível pela regressão do suicídio não permite que se sustente a tese otimista de E. Todd que reconhece, nesta inflexão, o indício global de uma ansiedade pouco importante, de um “equilíbrio” superior no homem contemporâneo. Isto é esquecer que a angústia pode se distribuir segundo outros dispositivos, todos eles também “instáveis”. A tese do “processo” psicológico é insustentável diante da extensão e da generalização dos estados depressivos, outrora reservados em prioridade para as classes burguesas. Ninguém pode vangloriar de escapar; a deserção social ocasionou uma democratização sem precedente da depressão, o tédio de viver, flagelo hoje em dia difundido e endêmico (Lipovetsky, 2005, p.28).

As reflexões, citadas acima, vêm demonstrar as análises, sobre o processo de individuação, que permeiam as mentes dos sujeitos contemporâneos. Aqui, podemos incluir os sujeitos em processo de envelhecimento, embora essa seja uma condição natural, pertinente e de grande colaboração ao argumento lipovetsquiano.

Do mesmo modo, o contexto acima permite enfatizar o parecer de Freud (1856-1939), sobre o estado da depressão como melancolia, no que se entende:

A melancolia também pode vir a ser reação por perda do objeto amado, objeto este que não precisa ter necessariamente morrido e sim ter sido perdido enquanto objeto de amor. Em alguns casos pode-se constatar a perda, entretanto, não se sabe exatamente o que se perdeu (sabe-se, por exemplo, que se perdeu, sabe-se por exemplo: quem se perdeu, mas não se sabe o que se perdeu nessa pessoa). No melancólico, não se pode ver exatamente qual o conteúdo da perda (Freud, 2020, p.11).

O que se percebe a partir dessas reflexões são os novos modelos de vivências humanas e comportamentos psíquicos voltados para uma forma de descontentamento cotidiano, no qual estão inseridos. Cada indivíduo está no seu referido habitat, mas conectado com o coletivo. As vivências dos sujeitos sociais envolvem essas mudanças, corriqueiramente, as quais vão determinar os comportamentos psicossociais.

Diante do panorama criado pelo novo modelo de vida contemporâneo, destaca-se o homem cool, chamado por Gilles Lipovetsky de: aquele que não é sólido, ele não se encontra na sociedade coercitiva disciplinar, ele não é mais adestrado, mas é aquele que se encontra na condição inversa, ainda que ele caminhe na indiferença e no seu deserto, ele se encontra livre, contudo, está exposto à vulnerabilidade do contexto pós-moderno (2005, p.28). E, para tanto, volta-se ao cenário da insatisfação gerada pela depressão:

[...] deve ser levada em conta não das vicissitudes psicológicas de cada um ou das “dificuldades” da vida atual, mas, sim, da deserção da “res publica” que foi limpando o terreno até o advento do indivíduo puro, do Narciso em busca de si mesmo, obcecado por si mesmo e, assim sendo, suscetível de enfraquecer ou de desmoronar a qualquer momento diante da adversidade que enfrenta desarmado, sem força exterior (Lipovetsky, 2005, p.29).

Pelo visto, a questão apresentada na melancolia e também na depressão implicam na condição do narcisismo, como condição para uma individualização, no presente contexto. Em relação ao narcisismo, os argumentos estudados por Freud, no que se refere à perda do objeto amado foram caracterizados pela melancolia e pelo luto, porque entendeu-se que essa questão implica na identificação narcisista. Sendo assim:

A perda do objeto amoroso constitui oportunidade para que a ambivalência nas relações amorosas se faça efetiva e manifesta. Onde existe uma disposição para a neurose obsessiva, o conflito devido à ambivalência empresta um cunho patológico ao luto, forçando-o a expressar-se sob forma de autorrecriação, no sentido de que a própria pessoa enlutada é culpada pela perda do objeto amado, isto é, que pela perda do objeto amado, é que ela a desejou (Freud, 2020, p.22).

A identificação narcisista é mais antiga que a melancolia e o luto em si mesmo, porém as duas preparam o caminho para uma nova condição de sujeito. Supostamente, tendo o sujeito o mesmo complexo em si e vivendo mudanças abruptas de comportamento, em virtude de um novo modelo de sociedade, ele se vê em uma condição para a qual retoma a condição narcisista, supervalorizando a sua individualidade.

3 O ENVELHECIMENTO HUMANO E OS CONFLITOS EXISTENCIAIS

A análise acerca dos questionamentos que direcionam o sujeito contemporâneo para o vazio existencial, permite entender a necessidade de buscar a espiritualidade. Nessa busca, ocasionalmente, frenética por contentamentos e por realização de desejos forja uma socialização faltosa, incapaz de compreender as semelhanças com a realidade vivida. Via de regra, ainda há por considerar, o quanto essa socialização, também deixa de socializar e é, nesse vazio que emerge outra condição, a espiritualidade, como forma de vida feliz.

A espiritualidade, pela ótica do envelhecimento que projeta a finitude, remete a uma questão antropológica. Como peregrino da existência, a pessoa idosa busca o sentido de si mesma na profundidade original, no sentido do outro e no sentido de tudo que a cerca. Especula, o sentido da dor-sofrimento que a aborda nos caminhos tortuosos da velhice, até a morte e nesse trânsito, reflete acerca da espiritualidade e da finitude, mergulhando no seu mundo interior, no seu penoso trabalho de reconhecer suas dores (Py; Pessini; Oliveira, 2022).

Os benefícios, que a aproximação da espiritualidade pode proporcionar às pessoas, especialmente as idosas, que enfrentam as dores existenciais, sejam emocionais, ou as causadas pelas doenças e pelas hospitalizações, já têm o reconhecimento da comunidade científica. O valor da oração e dos tratamentos complementares ligados a terapêuticas alternativas, que têm por base a espiritualidade contribuem com a qualidade de vida, dessa fase e desses pacientes (Queiroz; Debella, 2016).

O discurso sobre as “coisas do espírito” fala do invisível, do eterno, demonstrados pelo corpo, por meio das emoções, que na velhice são talhadas nos rostos enrugados, nos choros e até nos sorrisos, nas tristezas e, vez por outra, na exultação que faz

“revoltarem-se e tolerarem, experimentando inquietações e esperanças, muitas dores e raros gozos, certezas e remorsos, angústias constantes e eventuais consolações, resistências e entregas” (Py; Pessini; Oliveira, 2022, p.2). E, apesar de tudo, essa fé que desabrocha, tecida pela espiritualidade, propicia força e esperança para a superação dessas dores (Queiroz; Debella, 2016).

4 ESPIRITUALIDADE: CONDIÇÃO PARA A FELICIDADE

No que diz respeito à Espiritualidade, afirma Frei Beto (1944) que: “A espiritualidade é uma experiência mística, mistérica, que adquire uma conotação normativa na nossa vida. A mística é experiência fundante no ser humano, desde que existe na face da Terra, mas há diferentes espiritualidades ou modos de vivenciá-las” (Beto; Boff, 2010, p.73).

Em tal contexto, pode-se afirmar que a natureza humana, em todo tempo e lugar fez conexões com o que transcende, com o divino. Daí o que se entende por mistérios, enquanto crenças, procurando uma explicação, ou talvez, uma quietude para suas necessidades existenciais. Em diferentes culturas se encontram diferentes formas de espiritualidades, de relações com o divino, de conectar-se e de sentir contentamento por meio de suas interações com o transcendental. O primórdio da história da humanidade demonstra pela representação dos mitos, como forma de explicar aquilo que a racionalidade, ainda não dava conta.

Na atualidade, o sujeito humano ainda busca inúmeras explicações e a sua racionalidade vem tentando responder a essas inquietações. Há uma emergência da mística e da espiritualidade, já que a sociedade de consumo ou de hiperconsumo mundial se encontra em alta velocidade deixando os sujeitos humanos carentes de felicitações, dado que os desejos de ter, apesar do encantamento que provoque, nunca estarão completamente satisfeitos. De modo que, com a primeira crise da racionalidade moderna afloram as crises políticas e econômica a nível mundial.

Uma outra questão é relativa à experiência de natureza mística e espiritualidade que está centrada nas instituições religiosas, e para tanto domesticada. De maneira que, na crise de identidade, entende-se que, seria a partir dos símbolos religiosos, que se teria uma forma de encontrar o caminho para a espiritualidade. Fato esse, ainda

considerado e praticado como verdade, por muitas pessoas, nos dias atuais. Porém, essa não é, unicamente, a forma como os sujeitos se relacionam com a mística e a espiritualidade. Existem, outras tantas possibilidades de se chegar a essa realidade, por meio da natureza como: contemplando os lagos, o mar, as montanhas, os animais, as crianças, o amanhecer o pôr do sol, entre outras e todas elas permitindo contentamento e conexões com o transcendente.

Nessa dimensão de possibilidades que a própria natureza oferece, ainda se encontram presentes nas relações, aqueles sujeitos que manifestam fórmulas espiritualistas solipsistas. É o que afirma Frei Beto:

[...] o que é solipsismo? Solipsismo é quando, na experiência espiritual sou a referência. Solipsista é o sujeito que diz: “Coitados dos outros, são tão pecadores! Ainda não entraram para o meu movimento, não sabem o que é viver Deus, não sabem o que é ser amigo de Cristo...” (Beto; Boff, 2010, p.79).

Isso é do que se apropria o conceito de solipsismo, uma conduta que desvia a forma de se relacionar com a sua religiosidade, bem como um julgamento inapropriado para com o viver do seu semelhante.

No seguimento, os autores afirmam que, “a espiritualidade tem como fruto o Amor e a Justiça” (Beto; Boff, 2010, p.81), questões de natureza virtuosa que são tão próprias do sujeito humano, porém pouco exercitada por ele nesse contexto social, no qual essa questão é tida, pela maioria das pessoas, como algo ideal. Porém, as carências humanas acabam direcionando para a espiritualidade, como possibilidade de ser mais e melhor.

No contexto do Amor e da Justiça, a capacidade de projetar e vivenciar com o diferente é a parte mais nobre do humano. Vivenciar suas experiências a partir da relação com o outro, daquilo que se pode enxergar no outro, o diferente de seu Eu. Por que todos são iguais, se a natureza nos fez ímpares?

Aqui, vale lembrar questões tão relevantes como a crise das culturas, motivo pelo qual o sujeito humano continua a se questionar, de onde veio e para onde vai. De modo que, questões simples de espiritualidade surpreendem o sujeito.

Na atualidade, há uma concorrência no mercado religioso, para ver quem tem a melhor proposta, para alcançar o divino, mas o que se percebe é que todas as formas de religiosidade nos aproximam Dele.

Para Boff (2010, p. 159), em uma dimensão:[...] feticista, cosmológica, da nova antropologia, das ciências antrofísica, da física quântica. Aí é um lugar da experiência de Deus, da nova revelação do sagrado”, pois para se chegar a Deus, ao divino, nessa experiência de natureza transcendental, pode-se buscar no cotidiano, por meio da crença de encontrar a direção, o caminho de como se conectar com Ele. Deus é a esperança, é aquela, que espera e deseja, Ele está em todos os caminhos, pois mística e espiritualidade é poder encontrar Deus por meio de todos os caminhos: “[...] o da umbanda, do candomblé, do zen-budismo, dos protestantes, dos católicos, da secularização, do discurso científico como Einstein, Deus está em cada encruzilhada(p. 159).

Assim, se entende que a Espiritualidade revela a forma de fazer conexão com Deus sob a dimensão do divino e, nessa relação se sentir felicitado, encontrando a felicidade, como forma de vida feliz.

No que diz respeito à felicidade, de acordo com o mundo dos gregos e dos latinos, pode se tratar do conhecimento de como o homem busca ou alcança a felicidade plena. O conceito de felicidade encontra suporte teórico na filosofia antiga, quando a felicidade era dada como Eudaimonia, felicitas, “[...] Em geral estado de satisfação devido à situação no mundo [...]” (Abagnano, 1998, p. 437).

Nesse sentido, é relevante entender as várias condições em que os gregos antigos classificaram a Eudaimonia ou Felicidade, que se manifesta como satisfação de bem-estar no mundo, também considerada o estado de contemplação mística e religiosa. Demonstrar a infelicitação do sujeito contemporâneo e a sua busca pela felicidade, para uma forma de vida feliz por meio da espiritualidade, retrata uma condição de religiosidade, permitindo a conexão com o divino. Para tanto, algumas afirmações sobre a felicidade podem ser conferidas, por meio de alguns rasgos da história na filosofia:

Por outro lado para Platão negava que a felicidade consistiria no prazer e a julgava, ao contrário, relacionada com a virtude. “Os felizes

são os que possuem a justiça e a temperança; os infelizes são infelizes por possuírem maldade” em *Górgias* (508b); no *Banquete* (202c) são chamados de felizes “aqueles que possuem bondade e beleza” significa ainda ser virtuosos; e a virtude outra coisa não é, segundo Platão, senão a capacidade da alma de cumprir seu próprio dever, ou seja, de dirigir o homem da melhor maneira [...] (Rep., I, 353 d.ss.) (Abagnano, 1998, p. 434).

Diante dos conceitos aportados acima, alguns foram eleitos pela identificação, a partir de outros estudos sobre felicidade, nos quais há uma aproximação da condição de espiritualidade.

Nesse caso, para a filosofia de Plotino e de Santo Agostinho, o primeiro filósofo grego e o segundo latino, contribuíram para o entendimento de como os homens, enquanto sujeitos humanos podem ser felizes. Mesmo, contextualizando os pensamentos, que perpassam o antigo e o medieval, entende-se que existem competências que podem colaborar para o modo de vida dos sujeitos contemporâneos, ainda que seus cotidianos estejam pautados na pós-modernidade. Em todos os modelos de sociedade em tempos distintos há sempre um pensamento filosófico que traz suas contribuições, para aqueles que tentam ressignificar suas existências.

A partir da reflexão sobre as manifestações de comportamentos, enquanto sujeitos de si mesmos na busca da felicidade, destacados tanto no pensamento de Plotino como no pensamento de Agostinho, convidam a refletir e fazer uso da concepção de dois mundos, onde um deles é consciente de si e o outro é composto pelo transcendente, pelo divino. Na concepção do Uno de Plotino (realidade hipostática, enquanto Deus Absoluto da natureza) e do Deus (Deus do Cristianismo); de Agostinho, subsídios para constituir uma realidade que permita uma forma de vida feliz.

Mesmo que, seja preciso apresentar a importância dada ao corpo, como forma de cuidado e zelo, especialmente como templo do espírito (da alma). Por meio das virtudes apresentadas, tanto para Plotino como para Santo Agostinho, ocorrem aproximações de elementos que poderão constituir uma forma de vida feliz e colaborar de forma efetiva com a felicidade do sujeito contemporâneo.

Nessa busca, deparam-se com os seguintes elementos constitutivos para aproximação com a felicidade, que são: a Inteligência; a Verdade, Deus, Fé; Contemplação; Tolerância; Meditação e Mística; Alteridade, Sabedoria e Esperança.

De modo que, o exercício e a vivência desses elementos podem contribuir para que o sujeito contemporâneo ressignifique seu “Eu interior”, tendo como possibilidade a espiritualidade, enquanto uma forma de vida feliz.

Entretanto, essas formas apresentadas têm sua importância para traduzir a compreensão sobre as relações entre os homens e o divino. Quando se trata, especialmente, de como os homens entendiam o mundo, as coisas e suas relações com o universo, implicam as relações com o que é transcendente. Naquela época, a filosofia contribuiu muito com o propósito de manifestação das crenças do homem sobre o mundo, sobre seus mistérios, bem como, no tratamento das incertezas da vida. Conhecer essas questões históricas, desde os tempos antigos e ou medievais permitem entender o presente momento. Dessa maneira, cabe refletir sobre as novas formas de deificação dadas às relações do sujeito humano em nossos tempos atuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os tempos mais remotos da humanidade, a busca pela felicidade e pela perpetuação da vida, em sua melhor forma estiveram presentes. Nessa ânsia por estar bem e viver essa tão sonhada “felicidade”, particular de cada um, o sujeito humano vem se deparando com desafios materiais, psicológicos e sociais, tanto pessoais, quanto coletivos.

Um desses desafios, inexorável à existência humana é o envelhecimento e a velhice. Enquanto, o envelhecimento seja um processo natural, contínuo e irreversível, que favorece um despertar para a maturidade do indivíduo, a velhice (fase do desenvolvimento humano, no Brasil demarcada pela chegada aos 60 anos), aproxima a finitude (por conta do tempo já vivido ou pelo adoecimento), que pode levar ao encontro com a espiritualidade, de inúmeras formas.

No processo de evolução das civilizações, as transformações nos “modos de vida” foram operadas e absorvidas pelas sociedades de cada época. Com a chegada ao século XXI, apesar das grandes conquistas técnico-científicas que tendem a facilitar a vida das pessoas, igualmente, têm inserido esse sujeito, na chamada “sociedade do vazio”. Nesse contexto, no envelhecimento e, especialmente, na velhice, a busca pela felicidade parece transcender aos estímulos e as expectativas, puramente materiais e

inclinam o sujeito a uma busca de si mesmo. Tal fato, para grande número de pessoas, se dá por meio do encontro com espiritualidade, quando associada à competência capaz de promover uma vida mais feliz e plena, especialmente, diante de possíveis vicissitudes.

A felicidade, a religiosidade, a fé, a espiritualidade, entre outras designações relacionadas à transcendência e à subjetividade, assumiram posições sociais diversas, defendidas e registradas pelos grandes filósofos, em cada época histórica. Entretanto, nessa busca a seu turno, o ser humano se encanta e se desencanta, cede à sedução e percebe-se adoecido, na sociedade do vazio e do hiperconsumismo, até se resignificar, existencialmente, pela espiritualidade e pela conexão com o “divino”, como uma forma de ser feliz no mundo que o cerca.

Este estudo não pretendeu esgotar a temática, procurando apresentar um pequeno recorte acadêmico, no intuito de estimular outros olhares sobre “esse sujeito contemporâneo”, que se constitui numa dimensão humana (fisiológica) e numa dimensão espiritual, em sua eterna busca pela felicidade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. Tradução: Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 1014 p.
- BETO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e Espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2010. 275 p.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XXI, pp. 15-64). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1921, 1996).
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar da civilização**. In: Obras completas, conferência introdutória à Psicanálise (1916-1917). Tradução: Paulo César de Souza. v.18. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 286 p.
- FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Tradução: Marilene Carone; Maria Rita Kehl; Modesto Carone; Urania Tourinho Peres. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2012. 144 p.
- FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. [S.l.] São Paulo: Editora Lebooks, 2020, 144 p.
- GRONDIN, Jean. **Que saber sobre Filosofia da Religião**. Tradução: Lúcia Mathilde Endich. Aparecida: Ideias & Letras, 2012. 128 p.

HAN, Byun – Chull. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2019. 128 p.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio, ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Tradução: Terezinha Monteiro Deutsch. Barueri: Manole, 2005. 197 p.

MAGACHO, Patrícia. **A ciência explica a felicidade: ser feliz é uma escolha?** Dignidade Re-Vista, v. XIV, n. 14, p. 1-6, 2022. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/60125/60125.PDF>. Acesso em: 22 maio 2024.

PY, Ligia; PESSINI, Leo; OLIVEIRA, José Francisco P. **Espiritualidade, envelhecimento e finitude** In: FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (org.). Tratado de Geriatria e Gerontologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022. Parte I, cap. V, p. 1-5.

QUEIROZ, Luana Cristina Zick; DEBELLA, Monalisa Col. **Os benefícios da religiosidade na velhice**. In: IX Mostra de Iniciação Científica e Extensão Universitária, IX; Mostra de Pesquisa de Pós-Graduação da IMED, VIII., 2016, p. 67-73. Passo Fundo. Anais [...]. Passo Fundo: IMED, 2016. Disponível em: https://web.archive.org/web/20200307003822id_/http://www.bibliotekevirtual.org/livros/registrados/pdfs/978-85-99924-83-9/c09.pdf. Acesso em: 20 abr. 2019.

RIBEIRO, Cezar Grontowski; SCHMIDT, Clenise Liliane; SHIMOSAKA, Aline Mati; COSTA, David da. **O envelhecimento sob a perspectiva da vulnerabilidade em saúde: uma revisão integrativa de literatura**. Revista FisiSenectus, Chapecó, v. 3, n. 2, p. 35-46. 2015. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/fisisenectus/article/view/3182/1939>. Acesso em: 14 fev. 2020.